

## A Humanização e a Desumanização Decorrentes das Formas de Trabalho Historicamente Determinadas

*Análise do Livro: A Caverna, de José Saramago*

*Karla Paulino Tônus<sup>1</sup>*

### Resumo

O texto apresenta uma análise sobre a temática do capitalismo e seus impactos na vida dos indivíduos e da sociedade. Tal análise é feita à partir do livro “A Caverna” de José Saramago, em que o autor nos remete ao mito da caverna. O trabalho, como atividade humana, é apresentado como tema central, visto que é por meio dele que o homem se constitui como ser social e individual, no entanto, além de fonte de humanização, pode ser também fonte de alienação, como nos mostra o autor do livro em questão.

**Palavras-chave:** Humanização; José Saramago; Humanização.

### 1. Introdução

*Olhai os lírios do campo, que não fiam nem tecem, Também é bonita essa frase, por isso é que eles nunca conseguiram passar de lírios...*

*José Saramago, 2000, p. 337.*

A leitura do livro “A Caverna”, do escritor português José Saramago, leva-nos à reflexão sobre uma série de pontos que, por sua vez, estão articulados a uma mesma temática. Esta temática é, a nosso ver, a questão do capitalismo e seus impactos na vida dos indivíduos e da sociedade como um todo. Para abordar esta temática, José Saramago remete o leitor ao mito da caverna, escrito por Platão (428 a.C.- 348 a.C.) no livro VII de “A República”.

---

<sup>1</sup> Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista, campus Bauru; mestrado em Fundamentos da Educação pela Universidade Federal de São Carlos; doutorado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista, campus Araraquara. Professora no curso de Pedagogia da Universidade Nove de Julho, pólos Bauru e Botucatu.

O mito é, por assim dizer, uma homenagem a Sócrates (470 a.C. – 399 a.C.), filósofo e mestre de Platão que fora obrigado a ingerir o veneno da cicuta, como pena pela acusação de não reconhecer os deuses do Estado, introduzir novas divindades e corromper a juventude. Por que Sócrates recebera esta acusação?

Sócrates dialogava com as pessoas de modo a por em prova seus conhecimentos, interrogando-as a tal ponto que elas viessem a perceber as falhas, a superficialidade e a irracionalidade de seus conhecimentos e os preconceitos neles instalados. Desta maneira, destacava-se não apenas a ignorância mas, sobretudo, a ignorância da ignorância. Para Sócrates, era preciso, pois, que o indivíduo ultrapassasse a própria ignorância para que atingisse a essência da alma, de si mesmo, para que alcançasse a consciência.

Entretanto, ao propor a superioridade da sabedoria e da inteligência em relação à democracia e aos bens materiais, Sócrates desagradou aos homens influentes da época, uma vez que representava uma ameaça à *pólis*.

O mito narra que algumas pessoas tinham como objeto de visão apenas as sombras refletidas nas paredes de uma caverna onde viviam confinadas sendo, portanto, essas sombras a única realidade que conheciam. Uma destas pessoas, após ter-se libertado e conhecido a realidade desconhecida por todos e por ele mesmo até então, procura esclarecer a estes que o que viam eram apenas os reflexos distorcidos da realidade, que esta era muito mais abrangente. Entretanto, aquele que ousou levar o esclarecimento aos outros foi desacreditado, confundido como louco e morto por eles.

Para que possamos entender a relação entre o mito, que intitula o livro, e o conteúdo deste, faremos uma análise onde procuraremos ressaltar os pontos que são, em nossa perspectiva, essenciais para este entendimento. Embora nossa intenção não seja escrever um resumo do livro de José Saramago, faz-se necessária uma breve exposição do romance.

Cipriano Algor é um homem sexagenário, um oleiro que vê suas peças serem trocadas por produtos de plástico, o que o faz perder as encomendas feitas pelo centro comercial. Com sua filha Marta, que é gestante, arrisca ainda a iniciativa de produzir bonecos de barro, produção esta que deveria ser feita em série, mas que também não agradou aos consumidores do centro.

Com a promoção do genro Marçal Gacho a guarda residente do centro, Cipriano Algor muda-se, com sua família, da casa onde viveram seus pais, casa esta que se

localizava num pequeno vilarejo e que tinha até uma amoreira preta, para um pequeno apartamento no centro, onde deviam seguir uma série de normas para evitarem desagradar aos superiores de Marçal, onde eram regularmente vigiados por câmeras. Com a mudança, Cipriano Algor deixa o cachorro Achado, um cão quase humano, e o seu amor, Isaura Madruga, com quem não poderia ficar pois já era velho e sem emprego.

A fim de se ocupar, Cipriano Algor dedica seu tempo a conhecer o centro e todas as suas invenções surreais como a sala de sensações naturais, a praia artificial e outras invenções criadas para vender sensações.

Como o centro estava em expansão, aconteciam escavações e, numa destas, descobriu-se algo espantoso, sobre o qual deveria ser mantido sigilo absoluto. Às escondidas, Cipriano Algor sai ao encontro do mistério e o que vê o deixa atônito: três homens e três mulheres mortos, confinados numa caverna no subterrâneo do centro.

Cipriano Algor não quer ficar como eles e parte para seu vilarejo, ao encontro de Isaura e de Achado, seguido depois por sua filha e seu genro.

A mudança da olaria, que ficava numa vila, para o centro representa a mudança de uma vida simples, com diálogos genuínos entre as pessoas, onde o trabalho era realizado artesanalmente e envolvia a família toda, para uma vida onde predominava a submissão às regras do trabalho extremamente burocratizado e fragmentado, onde os diálogos eram curtos e superficiais e as pessoas eram levadas a consumir não apenas materiais mas, inclusive, sensações. Através da mudança na realidade onde vivem Cipriano Algor e sua família, Saramago revela a mudança no modo de produção dominante em uma sociedade e seus impactos na vida individual e social.

O que aconteceu com Cipriano Algor é o que aconteceu historicamente com o homem. Com a substituição do modo de produção feudal (artesanal) para o modo de produção capitalista, ao indivíduo resta vender sua força de trabalho, o que faz com que esta se torne mercadoria. Esta mercadoria tem um valor, o salário pago em função da atividade e do tempo de escolarização, entretanto, pelo salário pago o indivíduo deve atingir –e superar- metas de produção impostas, ou seja, deve trabalhar cada vez mais para aumentar o lucro do proprietário.

No intuito de aumentar a produção e mascarar os impactos do trabalho alienador, as empresas têm utilizado estratégias para conformar os trabalhadores invertendo o modo de

pensamento. Está em moda atualmente referir-se ao trabalhador como “participante”, “colaborador” na tentativa de fazer com que o indivíduo sinta-se mais confortável ao perceber-se mais querido pela empresa. Está em moda também a “família-empresa” que, ao oferecer benefícios, por um lado faz com que o indivíduo vista a camisa da empresa, ou seja, incorpore e transmita a ideologia do capitalista e, por outro, esteja totalmente dependente desta empresa para sobreviver, o que também faz com que ele se esforce por seguir os mandamentos da empresa.

Cipriano Algor é um homem expropriado do mercado de trabalho, o resultado de seu trabalho, objetivado nas peças de barro não mais interessa ao mercado pois este passa a preferir o plástico. As peças de barro são produzidas artesanalmente, o trabalhador detém os meios e os frutos de sua produção, participa do processo desde o seu planejamento, dizemos portanto, que o resultado deste trabalho é uma objetivação conseguida à partir da apropriação da experiência acumulada, da técnica, do conhecimento etc.

A substituição do trabalho artesanal pelo trabalho em série aliena o trabalhador dos meios de produção e dos resultados de seu trabalho; o homem passa a vender sua força de trabalho e a gerar a mais valia para o capitalista que detém estes meios. A relação que Cipriano Algor mantém com o trabalho representa a relação dos homens com o trabalho desde o advento do capitalismo. Para o homem sobreviver respeitosamente, salvo raras exceções, precisa estar empregado, ou seja, vender sua força de trabalho e aceitar o que se paga por ela.

## **2. Trabalho, Humanização e Alienação**

O trabalho é considerado uma objetivação humana. Desde sua forma inicial na história da humanidade, ele representa uma atividade na qual o homem projeta sua consciência e desenvolve suas habilidades motoras e mentais, exigindo para isso o seu planejamento e a idealização de seu resultado. O trabalho é, pois, fonte de humanização, é a atividade que nos diferencia dos animais, que nos torna criadores tanto no sentido material quanto intelectual; é a atividade que possibilita a independência humana em relação à natureza tornando possível a reprodução dos meios de existência.

O trabalho como profissão adquire significados bastante diferenciados na vida dos trabalhadores: realização pessoal, ganho financeiro, status, poder etc, sendo enfim, uma

atividade que nos identifica; há quem seja professor, cobrador, padreiro, engenheiro, mas há também aqueles que ora realizam uma atividade, ora outra, uma vez que –na maioria dos casos- estão sempre sendo substituídos por alguém mais especializado, mais adequado ou o próprio trabalho é substituído.

Desta maneira, como se já não bastasse estamos submetidos pelo capitalismo à alienação intelectual e material, o trabalho, aquilo que sabemos fazer está sujeito a desaparecer conforme o movimento do consumo, ou seja, uma profissão que hoje existe pode não mais existir amanhã, uma vez que o resultado deste trabalho, bem como seu modo de produção pode estar em desuso, “fora de moda”.

A tecnologia vem substituindo o trabalhador em muitas atividades, o que faz diminuir os custos do empregador, ocasionando, por um lado a necessidade de mão de obra cada vez mais especializada (que exige níveis de escolarização cada vez mais elevados) e, por outro lado, o desemprego ou subemprego de muitos.

O trabalhador, ao ser descartado de sua atividade, ao ser expropriado de seu trabalho, sofre não apenas em razão do vazio que lhe toma conta mas também por causa das humilhações, no caso de um proletário, a que tem que se sujeitar para conseguir pagar pela sua sobrevivência. Neste sentido, aceita salários de fome e condições desumanas de trabalho o que acontece, por exemplo, com os cortadores de cana que precisam “deitar” algumas toneladas de cana por menos de dez reais, com os vendedores dos faróis, os catadores de recicláveis e dos lixões, enfim, com muitos.

Chegamos a uma questão chave: o trabalho, fonte de humanização, torna-se fonte de desumanização, ou seja, o trabalho a que os indivíduos precisam sujeitar-se não promove a elevação de suas necessidades individuais, nem tampouco a elevação das necessidades do gênero humano, ao contrário, reduz estas necessidades a uma única: a de sobrevivência. Neste sentido, o trabalho passa a ter o significado de uma atividade cujo resultado é apenas a satisfação das necessidades mais imediatas e primitivas de sobrevivência bem parecidas às dos animais como: alimentação (na maioria das vezes, pobre em termos nutritivos), vestuário, habitação (muitas vezes precária ou sem conforto) e divertimento.

O trabalho sub humano a que muitos, a maioria, precisa se dedicar, além de não elevar a condição do indivíduo nem do gênero humano, muitas vezes é penoso, perigoso, maçante, repetitivo, não criativo; o trabalhador não precisa criar, nem pensar, basta repetir

as ações muitas vezes. Este trabalho é bem diferente daquele realizado por Cipriano Algor, uma vez que o personagem idealizava, criava, objetivava suas peças artesanalmente; o lucro daquilo, a diferença entre o gasto na produção e o que recebia pelas peças era inteiramente seu.

O trabalhador da sociedade capitalista trabalha para enriquecer a outrem Por maior que seja a sua remuneração (e há trabalho/emprego que garanta remuneração altíssima para aqueles que tiveram oportunidades de se especializar ou a sorte de pertencer a famílias importantes) o trabalhador detém apenas uma pequena parte do lucro possibilitado graças ao seu trabalho, a outra parte será investida pelo empregador para a geração de mais capital. Desta maneira, compreendemos que os bens do assalariado (isso quando há) são aqueles que vão-se deteriorar com o tempo e não geram mais bens: geladeira, aparelho televisor, lavadora de roupas etc, enquanto os bens dos ricos geram mais capital: fazendas, ações, propriedades etc.

Quando o trabalhador é dono do processo e do resultado de seu trabalho, ele pode trabalhar enquanto tiver condições de saúde, não importando sua idade, entretanto, para o trabalhador que vende sua força de trabalho, a idade torna-se um fator restritivo. No âmbito de uma sociedade capitalista, ao jovem falta especialização e experiência, ao velho, falta modernização, flexibilidade, força física e saúde. A condição em que se encontra Cipriano Algor é semelhante a de milhares de trabalhadores: sem trabalho e sem idade para conseguir seu sustento através do trabalho pois, na idade em que se encontra não poderá vir a aprender nenhum novo ofício e o que sabe fazer foi descartado pelo centro comercial, local que concentra tudo o que há de mais novo e atual em termos de necessidades e produtos.

As empresas demitem os trabalhadores mais velhos em idade e tempo de serviço (o termo serviço é o mais correto para a atividade de muitos) para não terem que arcar com o ônus de suas aposentadorias, o que serve de argumento para aqueles que advogam a favor da reforma das leis trabalhistas, evidentemente culpando os direitos dos trabalhadores pelo desemprego e pelo rompo no orçamento do governo. Claro está que esta é uma questão ideológica uma vez que os “salários” de juízes, deputados e senadores equivale a bom montante e uma reforma para mudar isto nunca é aprovada.

### 3. Lazer, Consumo e Subjetividade

É preciso que nos atenhamos um pouco à questão do lazer. As formas predominantes de lazer e divertimento impostos pela sociedade capitalista cumprem um papel fundamentalmente alienador, uma vez que levam os indivíduos, não à elevação intelectual, cultural e moral e sim, ao seu empobrecimento.

O lazer aparece enquanto “indústria cultural” (Adorno,1978), ou seja, enquanto vulgarização das objetivações mais elevadas, assim, a realidade é intensamente bombardeada com imitações simplificadas e distorcidas das grandes obras humanas. Isso acontece, por exemplo, quando um rabisco no muro é considerado arte, acontece na música com dois acordes e letras medíocres que atingem os topos das paradas.

O lazer acontece sob formas aviltantes, com a excessiva sexualização do comportamento, o que leva à banalização do sexo sempre alimentada pela mídia, que também faz o apelo ao uso de drogas e bebidas, o que leva ao amortecimento da consciência.

O momento de lazer é, muitas vezes, o momento do consumo. O fetiche da mercadoria domina e oblitera a consciência, as pessoas passam a querer adquirir bens materiais para os quais o capitalismo logo trata de criar substituições. Para este momento de lazer há um local bastante propício: o shopping center, o centro comercial, lugar este coincidentemente bastante parecido a uma caverna porque é fechado, sem janelas e, principalmente, porque abriga uma realidade simulada e superficial.

É no shopping que as pessoas compram, divertem-se (se é que podemos atribuir este nome aos jogos eletrônicos e às compras), alimentam-se (se é que os fast-foods realmente alimentam e estes são os mais procurados dentro do shopping) e se interagem (embora esta interação não possibilite grandes ganhos intelectuais). É no shopping que as pessoas buscam e compram sensações como as de estar na praia, na neve, no deserto... por meio dele e o que ele representa (o consumo, a praticidade, o imediatismo) as pessoas que o freqüentam enxergam a realidade.

Compreendemos, portanto, o quanto o capitalismo impulsiona os mais diversos campos da vida humana e o quanto necessita de substituições para gerar consumo e assim poder ter continuidade. Acontece que as pessoas são tão levadas ao consumo, e tudo tão rapidamente, que este passa a ser sua diversão, seu lazer, sua própria vida, e ocupa o tempo

que poderia ser dispensado com o pensamento, o convívio, o estudo etc, por isso é alienador.

Além de ser alienador, o consumismo imposto como necessidade acarreta a separação das pessoas em dois grandes grupos: os que podem e os que não podem consumir, os que estão dentro e os que estão fora, às margens da sociedade, separação esta que atinge dimensões cada vez maiores conforme o avanço do capitalismo.

A sociedade capitalista cria necessidades intensas de consumo de supérfluos e esta necessidade de consumo não é apenas material, ela abrange inclusive idéias e valores. Marx (1999) aponta que a produção, que é determinada pela sociedade, em sua relação dialética com o consumo, cria o consumidor, uma vez que a produção é também do modo de consumo, é, além de objetiva, subjetiva. Desse modo, em nossa sociedade a mídia e a propaganda procuram não apenas os produtos para as pessoas como principalmente procuram criar consumidores para os seus produtos; o “centro” a que o livro de Saramago se refere utiliza-se de estratégias de convencimento que fazem com que os “clientes” sintam-se preferidos em relação aos demais e com a ilusão de que terão todas as suas necessidades satisfeitas ali.

Do mesmo modo acontece na educação, onde assistimos à proliferação de teorias que são facilmente vendidas, o que é conseguido graças tanto a argumentos superficiais quanto à própria facilidade de compreensão que caracterizam tais “teorias”.

Assim sendo, os argumentos para a “venda” de idéias às quais nos referimos são, dentre outros, a necessidade do novo, de mudanças no âmbito da educação e a necessidade da educação em acompanhar a direção da realidade social e econômica; neste sentido, são fortalecidas as concepções de que a educação deve preparar o aluno para o mercado de trabalho, de que deve promover o ajustamento social e moral do aluno.

A preparação para o mercado de trabalho (a compra e venda de trabalho) tem sido o grande destaque de algumas propostas educacionais para o ensino fundamental e principalmente médio e superior. Além das técnicas necessárias ao desempenho do trabalho, enfatiza-se as competências sociais que o aluno precisa desenvolver para se dar bem no mundo do trabalho, essas competências referem-se, portanto, à sua adaptação às regras do mercado.

Por outro lado, ainda que o mercado seja injusto, agressivo e impessoal, o trabalhador precisa ter moral, ser responsável, amistoso, respeitoso etc. A mensagem é bastante ambígua até que o indivíduo perceba que o que vale é o que acontece, ou seja, quem dita as regras é o mercado e cada um deve fazer o possível para sobreviver, ou para vencer, ainda que precise esquecer a moral, o respeito a amizade etc.

Ao propor o ajustamento do aluno à sociedade, ao intencionar que o aluno se adapte à vida cotidiana, a educação escolar não promove o avanço da consciência individual e social, uma vez que a vida cotidiana apresenta somente as sombras deformadas da realidade.

Devido à heterogeneidade da vida cotidiana, aos muitos afazeres a que os homens devem se dedicar diariamente, à ideologia imposta sob as mais diversas formas, à luta pela própria sobrevivência, aos homens é dificultada a apropriação das manifestações humanas superiores, mais elaboradas e, conseqüentemente, a objetivação de novas manifestações. É quase impossível à maioria dos homens pensar na realidade concretamente, a realidade que se vive cotidianamente é a realidade imediata, onde não se reconhece as mediações que dela fazem parte. A lógica capitalista é caracterizada pela superficialidade, como identificamos, por exemplo, no shopping center.

Como no mito da caverna, a realidade que se enxerga no cotidiano é apenas a aparente, e não a totalidade; esta sim é que deve ser um dos objetivos da educação, ou seja, a educação escolar deve favorecer a compreensão da realidade social e das objetivações humanas em sua totalidade. Entendemos, portanto, que simbolicamente se é que saímos da caverna, a ela estamos voltando e, a educação, cuja mediação nos auxiliaria em nossa liberdade em relação às ilusões que imperam nesta sociedade, tem feito o oposto.

#### **4. Considerações Finais**

Na III Tese de Feuerbach, Marx (2002) declara que os homens são produtos das circunstâncias, entretanto, são eles é que fazem as circunstâncias, o que nos leva a compreender que não podemos naturalizar nem tampouco divinizar as conseqüências oriundas da agressividade do capitalismo, agressividade esta, existente por conta do fetiche que gira em torno do capital. Sendo produto e produtor das circunstâncias, o homem mantém com a sociedade uma relação dialética, deste modo, é inconcebível atribuir ao

homem isoladamente toda a responsabilidade pela sua condição; não que estejamos afirmando que ao homem não cabe o esforço e o empenho por uma vida melhor, entretanto, a autonomia e a liberdade do homem apenas serão atingidos em uma outra sociedade, a sociedade socialista.

Acontece que na sociedade capitalista, muita força tem o discurso da responsabilidade individual de cada homem pelo seu sucesso ou fracasso, apregoa-se que basta ter vontade, sonhar e lutar que cada um ocupará o lugar que deseja. O idealismo, corrente filosófica que, a grosso modo, propõe estar no homem o sentido e as determinações da sociedade, encontra-se cada vez mais fortalecido sob a forma de liberalismo, neoliberalismo, pós-modernismo... o idealismo está presente nos livros de auto-ajuda, nas abordagens educativas, nos discursos explicativos sobre o homem e a sociedade.

É esta sociedade, portanto, que José Saramago põe em questão, evidenciando que a vida dos homens que nela vivem tem-se tornado alienada, presa às necessidades imediatas de consumo e às ilusões do cotidiano. O romance demonstra o quanto estamos presos às condições alienadoras geradas pela sociedade do capital e cegos para a realidade concreta em virtude dessas mesmas condições. Vivemos no mundo da pseudoconcreticidade (Kosik, 2002), o mundo do fetiche, da alienação, da superficialidade, da visão naturalizante das coisas.

É difícil, se não impossível, apontarmos soluções específicas aos problemas desta sociedade, uma vez que estão todos unidos dialeticamente e fazem parte da dinâmica do capitalismo. Entretanto, e também por isso mesmo, vale ressaltar a importância da crítica a esta sociedade para que não aceitemos, submissos, os imperativos do capitalismo e nem tampouco os tenhamos como algo natural. Marx (2005), ao abordar a questão da religião, da filosofia e do sistema político da Alemanha, utiliza as seguintes palavras das quais nos apropriamos para concluirmos esta breve análise:

Na luta contra este estado de coisas, a crítica não é paixão da cabeça, mas a cabeça da paixão. Não é uma lança anatômica, mas uma arma. O seu alvo é um *inimigo* que ela procura, não refutar, mas *destruir*. É que o espírito de tal situação já foi refutado. Não constitui em si e por si um objeto digno do nosso pensamento; é uma *existência* tão desprezível como desprezada. A crítica já não necessita de imediato esclarecimento

do seu objeto, porque já o entendeu. A crítica já não é um fim *em si*, mas apenas um meio; a *indignação* é o seu modo fundamental de sentimento, e a *denúncia* a sua principal ocupação. (p. 48, grifos originais)

### Referências bibliográficas

ADORNO, T. **A indústria cultural**. In: COHN, G (org.) **Comunicação e indústria cultural: Leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e “cultura de massa” nessa sociedade**. SP: Nacional, 1978.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. RJ: Paz e Terra, 2002.

MARX, K. **Introdução à crítica da economia política**. In: Coleção Os pensadores. S.P: Nova Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. **Teses sobre Feuerbach**. In: MARX, K., ENGELS, F. **A ideologia alemã**. SP: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. In: MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. SP: Martin Claret, 2005.

PESSANHA, J. A. M. **Vida e obra**. In: **Sócrates**. SP: Nova Cultural, 1999 (Coleção Os Pensadores).

SARAMAGO, J. **A caverna**. SP: Companhia das Letras, 2000.